

ACADEMIA DE MARINHA

MAGALHÃES & ELCANO

MAGELLAN AND ELCANO

DO OCASO DE UMA EXPEDIÇÃO À GÊNESE DE UM MUNDO GLOBAL

FROM THE DUSK OF AN EXPEDITION TO THE GENESIS OF A
GLOBAL WORLD

XVII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA MARÍTIMA

XVII SYMPOSIUM ON MARITIME HISTORY

22, 23 E 24 NOVEMBRO DE 2022

22, 23 and 24 NOVEMBER, 2022

AUDITÓRIO DA ACADEMIA DE MARINHA — LISBOA

Marinha



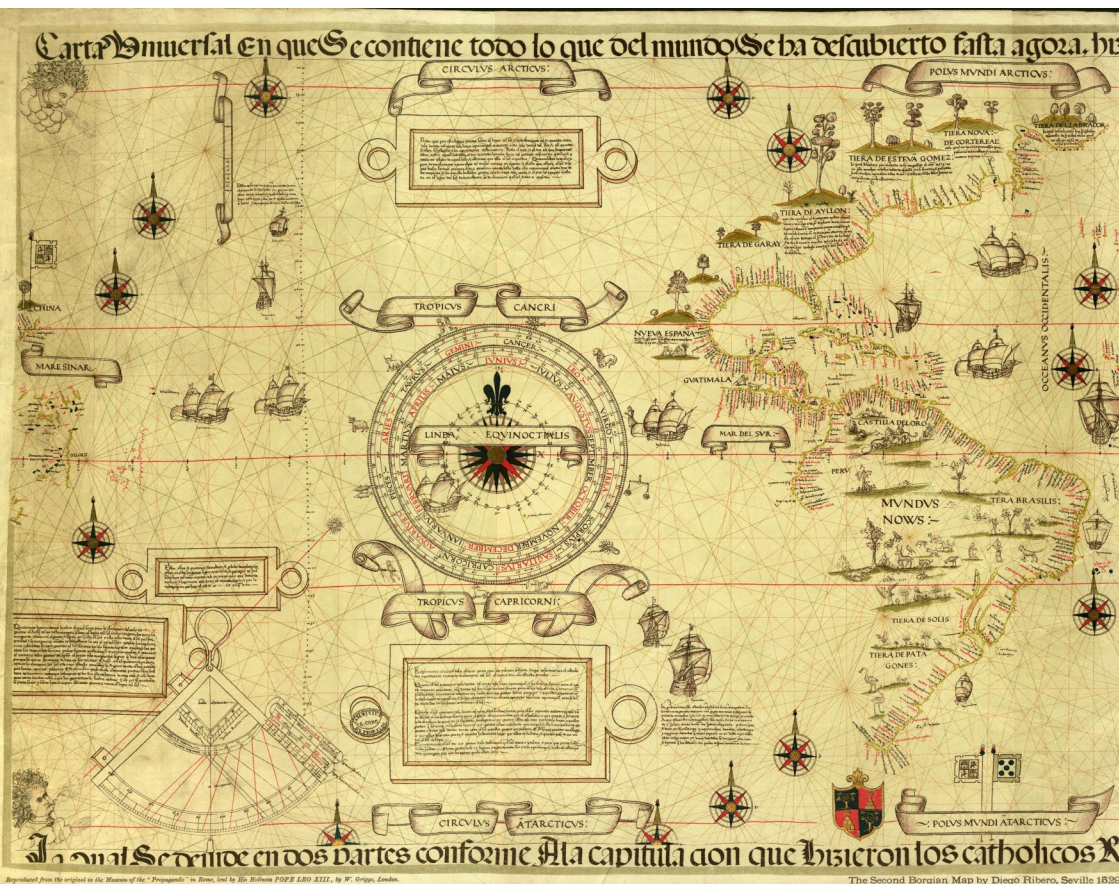
MAGALHAES

150 ANOS DA CIRCUNAVEGAÇÃO

CH
UL

CENTRO
HISTÓRIA

ABERTA
www.uab.pt



FICHA TÉCNICA

Título: XVII Simpósio de História Marítima

“Magalhães e Elcano: do ocaso de uma expedição à génese de um mundo global”

Coordenação: Ana Paula Avelar | Vítor Gaspar Rodrigues

Organização e revisão: Afonso Ferreira Cardoso | António Rocha de Freitas
José Manuel Maia | Sónia Aires Lima

Capa: Carta Universal do cosmógrafo português Diogo Ribeiro, 1529
Biblioteca Apostólica Vaticana

ISBN: 978-972-781-170-0



COMISSÃO ORGANIZADORA | ORGANIZING COMMITTEE

PRESIDENTE | PRESIDENT

Francisco Vidal Abreu

SECRETÁRIO | SECRETARY

António Rocha de Freitas

VOGAIS | MEMBERS

Afonso Ferreira Cardoso

Ana Paula Avelar

José Manuel Maia

Sónia Aires Lima

Vítor Gaspar Rodrigues

COMISSÃO CIENTÍFICA | SCIENTIFIC COMMITTEE

PRESIDENTE | PRESIDENT

Juan Marchena Fernandez †

Vítor Gaspar Rodrigues

SECRETÁRIO | SECRETARY

António Rocha de Freitas

VOGAIS | MEMBERS

Ana Paula Avelar

António Costa Canas

João Telles e Cunha

Jorge Semedo de Matos

Jose Manuel Nuñez de la Fuente

Juan Manuel Santana

Judite Mendonça do Nascimento

APRESENTAÇÃO

Neste momento fecha-se um ciclo: o da elaboração de um “estado de arte” e aprofundamento de saberes em torno da expedição de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano. Em 2019, no *XVI Simpósio de História Marítima* iniciou-se esta jornada, subordinando os trabalhos desse encontro ao tópico ***Fernão de Magalhães e o conhecimento dos Oceanos*** e em 2021 prosseguiu-se nessa senda, reflectindo o *II Simpósio de História do Oriente sobre Magalhães e Elcano e a exploração das “Pacíficas às Índicas águas”*. Agora, em 2022 estudar-se-ão os últimos meses de viagem e as repercussões da mesma, sob o signo de ***Magalhães e Elcano: do ocaso de uma expedição à génese de um mundo global***.

A 20 de setembro de 1519 partiu de Sanlúcar de Barrameda em direção às Molucas uma armada de cinco naus, capitaneada por Fernão de Magalhães, a qual, seguindo a rota para ocidente, navegaria no Atlântico até à zona mais meridional do continente americano. Já reduzida a 3 navios, as naus *Victoria*, *Trinidad* e *Concepción*, conseguiria, a 28 de novembro de 1520, atingir o Oceano “Pacífico”, explorando-o no ano seguinte. A 27 de abril de 1521 Fernão de Magalhães morreria em Mactan e a 8 de novembro as naus *Trinidad*, sob o comando de Gonzalo Gómez Espinosa, e *Victoria*, capitaneada por Juan Sebastián Elcano, atingiriam Tidore, arribando às desejadas “ilhas do cravo”. Daí partiria a *Victoria* a 21 de dezembro desse mesmo ano, levando a bordo 60 homens e uma carga de cravinho. Destes, só 18 chegariam a Sevilha a 8 de setembro de 1522.

A abordagem conceptual usada pela História Global, ao procurar integrar o conhecimento sobre o Mundo e os Outros, oferece-nos os instrumentos a usar nesta problematização, ao privilegiar o estudo sobre as redes e suas conexões, circulações e apropriações, permitindo ampliar os conhecimentos sobre os espaços oceânicos.

Os problemas sentidos ao longo da viagem nos vários exercícios da arte de navegar, as disputas diplomáticas, o relato do encontro com diferentes povos, as narrativas sobre as novas experiências, enfim o dar a conhecer um mundo de “novidades” que integram novas escalas globais oceânicas, irradiando múltiplos movimentos económicos, sociais, políticos, culturais... são tópicos que continuaremos a estudar.

A Academia de Marinha promove, nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2022, a realização do *XVII Simpósio de História Marítima*, dedicado ao tema ***Magalhães e Elcano: do ocaso de uma expedição à génese de um mundo global***. Ao longo dos três dias de trabalho abordar-se-ão os seguintes temas:

- Dos oceanos, da fauna e da flora;
- Da náutica, cartografia e arte de navegar;
- Dos agentes e da sua ação;
- Do encontro de culturas;
- Da génese de um mundo global.

PRESENTATION

A cycle is now about to reach its end: a cycle for the elaboration of a "state of the art" and also for a broader understanding concerning the expedition of Fernão de Magalhães and Juan Sebastián Elcano. This journey began in 2019 with the *XVI Symposium of Maritime History* which addressed the topics of *Fernão de Magalhães and knowledge about the Oceans*. Later, in 2021, the *II Symposium on the History of the East* focused on *Magalhães and Elcano and the exploration of the "Pacific to the Indian waters"*.

Now, in 2022, we aim to examine the final months of this voyage and its repercussions under the banner *Magalhães and Elcano: from the dusk of an expedition to the genesis of a global world*. On September 20, 1519 an armada of five ships sailed from Sanlúcar de Barrameda towards the Moluccas under the captaincy of Fernão de Magalhães, which following a westerly course would sail across the Atlantic to the southernmost part of the American continent. Having been reduced to three ships - the *Victoria*, the *Trinidad* and the *Concepción*, Magalhães' armada reached the "Pacific" Ocean on November 28, 1520 exploring it in the following year. Fernão de Magalhães died in Mactán on April 27, 1521 and on November 8, the ships *Trinidad*, under the command of Gonzalo Gómez Espinosa and *Victoria*, captained by Juan Sebastián Elcano reached Tidore arriving at the much desired "clove islands". From there, *Victoria* would set sail on December 21 of that same year carrying 60 men and a cargo of cloves. Of these, only 18 crewmembers would reach Seville on September 8, 1522.

The conceptual framework adopted by Global History, which aims to bring together knowledge about the World and about Others, provides the fundamental instruments to address this matter by focusing on the study of networks and their connections, movements and appropriations, thus allowing us to widen our knowledge about oceanic spaces.

The issues experienced throughout the voyage during various sailing exercises, diplomatic disputes, accounts of encounters with indigenous peoples, narratives about new experiences and finally the discovery of a world of "novelties" within new global oceanic scales that radiated multiple economic, social, political and cultural movements... are topics that will remain under our scope.

Hence, the Academia de Marinha will hold the *XVII Symposium of Maritime History*, from 22 to 24 November, 2022 dedicated to *Magellan and Elcano: from the dusk of an expedition to the genesis of a global world*. The following topics will be addressed over the three conference days:

- Oceans, Fauna and Flora;
- Nautics, cartography and the art of sailing;
- Agents and their action;
- Cultural encounters;
- The genesis of a global world .

PROGRAMA | PROGRAMME

22 DE NOVEMBRO DE 2022

- 9:30 Receção aos participantes e entrega de documentação | Welcoming and registration
- 10:00 **SESSÃO DE ABERTURA | OPENING SESSION**
Presidida pelo Vice-chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-almirante Coelho Cândido
- Palavras de abertura | Opening remarks
Almirante Francisco Vidal Abreu, Presidente da Academia de Marinha
Dr. José Marques, Presidente da Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães (2019-2022)
- 10:20 Palavras dos Coordenadores do Simpósio
- 10:30 Conferência de Abertura | Opening lecture
“D. Fernando Magallanes, el capitán general; Juan Sebastián Elcano, el comandante de la Victoria”
José María Blanco Núñez
- 11:00 Intervalo | Coffee break
- 1ª SESSÃO | Da náutica, cartografia e arte de navegar**
1st SESSION | Nautics, cartography and the art of sailing
- 1ª Mesa | Panel*
Presidente | Moderator: Luiz Roque Martins
- 11:15 **“Metodologias para a reconstrução de restos arqueológicos de navios”**
Filipe Vieira de Castro
- 11:35 **“Uma consequência da expedição Magalhães-Elcano? A circulação de pilotos, cartógrafos e cosmógrafos portugueses para Espanha”**
Nuno Vila-Santa
- 11:55 **“A arte de navegar no Breve compêndio de Martín Cortés de Albácar (Espanha – século XVI)”**
Maria Emilia Granduque José
- 12:15 Debate | Discussion
- 12:35 Almoço | Lunch

PROGRAMA | PROGRAMME

2ª SESSÃO | Da génese de um mundo global

2nd SESSION | The genesis of a global world

2ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Filipe Vieira de Castro

14:30 “O Mediterrâneo: a persistência de um caminho alternativo para Oriente”

Filipe Themudo Barata

14:50 “La I Vuelta al Mundo, clave en la génesis de la Modernidad”

Manuel J. Parodi Álvarez

15:10 “Na esteira de Magalhães. Contributos culturais e científicos da viagem de Circum-navegação do Cruzador S. Gabriel (1909-1911)”

José Manuel Maia

15:30 Debate | Discussion

15:50 Intervalo | Coffee break

3ª SESSÃO | Dos agentes e da sua ação

3rd SESSION | Agents and their action

3ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Filipe Themudo Barata

16:15 “O olhar de um médico sobre a expedição Magalhães/Elcano”

José Filipe Moreira Braga

16:35 “Do Pacífico ao Atlântico: a viagem de regresso do navio *Victoria* na Relação de Pigafetta”

Nunziatella Alessandrini

16:55 “Agentes em redes ‘emaranhadas’ da primeira globalização”

István Rákóczi

17:15 “Ambigüedades y matices de la figura de Magallanes en la Historia de las Indias de Francisco López de Gómara (1552)”

Bernard Lavallé

17:35 Debate | Discussion

18:00 Final dos trabalhos | End of Session

PROGRAMA | PROGRAMME

23 DE NOVEMBRO DE 2022

4ª SESSÃO | Do encontro de culturas

4th SESSION | Cultural encounters

4ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Manuel J. Parodi Álvarez

10:00 “*Ad ambitum parallelum redeamus: a viagem de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano segundo Pietro Martire d’Anghiera*”

Gil Clemente Teixeira | José Manuel Garcia

10:20 “*Piezas asiáticas en la Nueva España en la primera mitad del siglo XVII*”

Ester Prieto Ustio

10:40 “*Ex-votos marítimos – devoção e memória numa análise cultural*”

Sónia Aires Lima

11:00 Debate | Discussion

11:20 Intervalo | Coffee break

5ª SESSÃO | Da génese de um mundo global

5th SESSION | The genesis of a global world

5ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: José Manuel Garcia

11:40 “*A expedição de Magalhães e Elcano e a sociedade de consumo no século XVI*”

Marília dos Santos Lopes

12:00 “*A expedição do Estreito de Magalhães (1581-1584) e a atuação dos Habsburgo no Atlântico sul nas últimas décadas do século XVI*”

Sylvia Brito

12:20 “*Os artificios de fogo na guerra marítima do século XVI*”

Fernando Gomes Pedrosa

12:40 Debate | Discussion

13:00 Almoço | Lunch

PROGRAMA | PROGRAMME

6.ª SESSÃO | Dos oceanos, da fauna e da flora

6th SESSION | Oceans, Fauna and Flora

6ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Ana Paula Avelar

15:00 “Um tapete de Flandres: a natureza da terra dos brasis no século XVI”

Paulo Assunção

15:20 “Depois de Magalhães e Elcano: usos da flora e da fauna registrados em outras duas viagens de circum-navegação do século XVI”

Ana Carolina de Carvalho Viotti | Rafael Afonso Gonçalves

15:40 “Biodiversidade na viagem de Magalhães e Elcano – a caminho da génese de um mundo global”

João Abel da Fonseca

16:00 Debate | Discussion

16:20 Intervalo | Coffee break

7ª SESSÃO | Da náutica, cartografia e arte de navegar

7th SESSION | Nautics, cartography and the art of sailing

7ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: João Abel da Fonseca

16:35 “Círculos e Linhas Rectas. Origem e razão dos limites lineares do *empeño* das Molucas nas negociações Luso-Espanholas de Saragoça em 1529. Uma revisão”

António Vasconcelos de Saldanha

16:55 “Os debates científicos das Juntas de Badajoz-Elvas (1524)”

José María Moreno Madrid

17:15 “El tamaño de la Tierra en la cartografía del tiempo de Magallanes y Elcano”

José Ramón Vallespín Gómez

17:35 “Mapas, globos e um panfleto: a preparação da viagem de Fernão de Magalhães e as supostas fontes alemãs”

Jürgen Pohle

17:55 Debate | Discussion

18:15 Final dos trabalhos | End of Session

PROGRAMA | PROGRAMME

24 DE NOVEMBRO DE 2022

8.ª SESSÃO | Dos agentes e da sua ação 8th SESSION | Agents and their action

8ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: José María Moreno Madrid

10:00 “O mundo do cosmógrafo Diego Ribero: da viagem de Magalhães e Elcano ao Tratado de Saragoça”

José María Moreno Martín

10:20 “O que é novo no *Tratado del esphera* de Francisco Faleiro?”

Carmo Lacerda

10:40 “No sólo fueron Magallanes y Elcano”

Susana García Ramírez

11:00 Debate | Discussion

11:20 Intervalo | Coffee break

9.ª SESSÃO | Do encontro de culturas 9th SESSION | Cultural encounters

9ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: António Vasconcelos de Saldanha

11:30 “A edição do ‘Diário de bordo do piloto genovês’, pelo Cardeal Saraiva”

António Costa Canas

11:50 “Los intérpretes del viaje de Magallanes”

Antonio Ruiz Castellanos

12:10 “Estreito de Magalhães ou ‘Cola do dragão’: o conhecimento na viagem de circunavegação e suas repercussões”

Francisco Ferreira da Silva

12:30 Debate | Discussion

12:45 Almoço | Lunch

PROGRAMA | PROGRAMME

10ª SESSÃO | Da náutica, cartografia e arte de navegar

10th SESSION | Nautics, cartography and the art of sailing

10ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Jose Maria Blanco Nunez

15:00 “O nascimento do Oceano Pacífico: uma realidade depois de Magalhães”

Jorge Semedo de Matos

15:20 “Flutuando entre Cebu e Tidore: a busca de uma rota desconhecida”

Joana Lima

15:40 “Os roteiros oceânicos como arquivos de um saber técnico-científico global

Luana Giurgevich

16:00 Debate | Discussion

11ª SESSÃO | Da génese de um mundo global

5th SESSION | The genesis of a global world

11ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: José Ramon Vallespin

16:20 “O Estreito depois de Magalhães. Histórias de cooperação e rivalidade entre Portugal e Castela no século XVI e a construção de um mundo global”

Amândio Barros

16:40 “Una Década de gran cambio, 1519-1529. Entusiasmo versus realismo; Elcano en su laberinto”

Mariano Cuesta Domingo

17:00 “Depois de 1522, ou como um jovem monarca, D. João de seu nome, reconfigura um império num mundo global”

Ana Paula Avelar | Vitor Gaspar Rodrigues

17:20 Debate | Discussion

17:40 Intervalo | Coffee break

18:00 SESSÃO DE ENCERRAMENTO | CLOSING SESSION

Presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Gouveia e Melo

Conferência de Encerramento | Closing lecture

“A viagem de circum-navegação: um sucesso? um fracasso? ou ainda uma outra coisa?”

Henrique Leitão

Palavras finais | Closing remarks

Professor Doutor Vitor Gaspar Rodrigues (Presidente da Comissão Científica)

Almirante Francisco Vidal Abreu (Presidente da Academia de Marinha)

17:45 Momento musical | Musical moment

Atuação do *Quinteto Clássico* da Banda da Armada

18:00 Fim do Simpósio | | Porto de Honra | Farewell drinks

NOTAS GERAIS

COMUNICAÇÕES

Cada comunicação terá a duração de 20 minutos, com exceção das conferências de abertura e de encerramento que serão de 30 minutos, e no final de cada mesa haverá um período para debate.

EXPOSIÇÃO NA GALERIA DA ACADEMIA DE MARINHA

Estarão patentes na Galeria as publicações mais recentes da Academia de Marinha, bem como todos os exemplares das Atas de Simpósios anteriores, as quais podem ser adquiridas no local.

ALMOÇOS

Nos três dias do Simpósio os conferencistas e os participantes inscritos poderão almoçar na Messe da Marinha, bastando para isso obter a respetiva senha no Secretariado durante a manhã de cada dia.

LIVRO DO SIMPÓSIO

O texto escrito, que será revisto por pares, deverá ser formatado seguindo as normas bibliográficas adaptadas pela Academia de Marinha, disponíveis em: <https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Paginas/Legislacao.aspx>, e enviado à Academia de Marinha, em suporte digital, até ao final do mês de fevereiro de 2023, não devendo exceder os 70 mil caracteres.

INFORMAÇÕES

Informações disponíveis no portal da Academia de Marinha (academia.marinha.pt), ou através dos telefones 210 984 707/708/709/710

GENERAL INFORMATION

PRESENTATIONS

Each presentation will have a duration of 20 minutes, except for the opening and closing lectures, which will last 30 minutes. After each panel there will be a period of discussion

EXHIBIT AT THE ACADEMIA DE MARINHA GALLERY

The most recent publications of the Academia de Marinha will be on display in the Gallery, as well as all copies of the Proceedings of previous Symposia, which can be purchased on site.

LUNCHES

Throughout the three days of the Symposium, lecturers and registered participants will be able to have lunch at the Messe da Marinha. You may obtain the respective ticket at the Secretariat during the morning of each day.

SYMPOSIUM BOOK

The written text, which will be peer-reviewed, should be formatted following the bibliographic norms adopted by the Academia de Marinha, sent in digital format, until the end of February 2023 and must not exceed 70 thousand characters. More information available at: <https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Paginas/Legislacao.aspx>

INFORMATIONS

Information is available on the Academia de Marinha's website (www.academia.marinha.pt), or by calling +351 210 984 707/708/709/710.

CONFERENCISTAS | SPEAKERS

José M^o Blanco Núñez

Filipe Vieira de Castro

Nuno Vila-Santa

Maria Emília Granduque José

Filipe Themudo Barata

Manuel Parodi

José Manuel Maia

José Filipe Moreira Braga

Nunziatella Alessandrini

Istvan Rákóczi

Bernard Lavallé

José Manuel García | Gil Clemente Teixeira

Ester Prieto Ustio

Sónia Aires Lima

Marília dos Santos Lopes

Sylvia Brito

Fernando Gomes Pedrosa

Paulo Assunção

Ana Carolina de Carvalho Viotti | Rafael Afonso Gonçalves

João Abel da Fonseca

António Vasconcelos de Saldanha

José María Moreno Madrid

José Ramón Vallespín Gómez

Jürgen Pohle

Mariano Cuesta Domingo

José María Moreno Martín

Carmo Lacerda

Susana García Ramírez

António Costa Canas

Antonio Ruiz Castellanos

Francisco Ferreira da Silva

Jorge Semedo de Matos

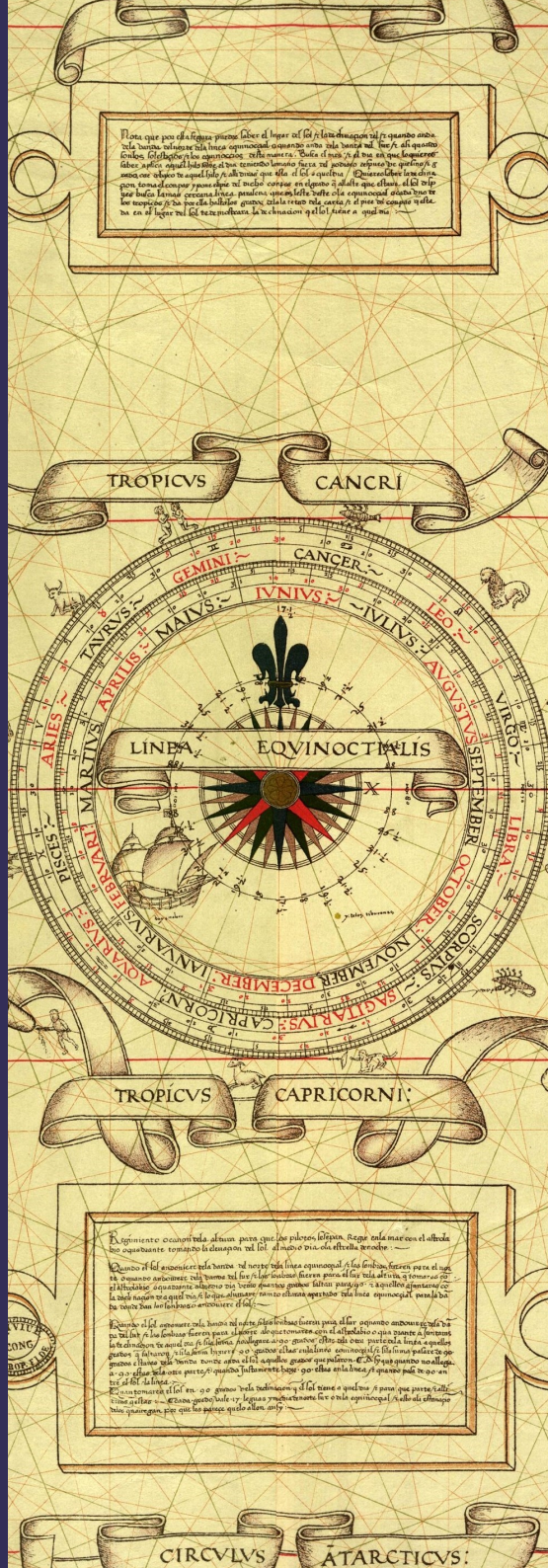
Joana Lima

Luana Giurgevich

Amândio Barros

Ana Paula Avelar | Vítor Gaspar Rodrigues

Henrique Leitão



Amândio Barros

- Filiação institucional – Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.
- Áreas de trabalho – História Marítima
- Publicações – Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares da Época Moderna, 2016; Os descobrimentos e as origens da convergência global.
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“O Estreito depois de Magalhães. Histórias de cooperação e rivalidade entre Portugal e Castela no século XVI e a construção de um mundo global”

Na sequência de estudos que tenho realizado, e apresentado nestes simpósios que comemoram os 500 anos de Magalhães e da circum-navegação, é meu objetivo analisar e refletir sobre outros personagens e outros projetos no Estreito e nos oceanos que ele ligava. Mostrar que as leituras sobre a expansão são muito mais complexas e abrem campos de estudo que ainda estão por explorar. Se a rivalidade suscitou elementos de modernidade como a aplicação da ciência náutica, astronomia e construção naval, porventura, também, uma marinha de guerra, por outro lado, não deixou de exibir aspetos cooperativos no âmbito da defesa da navegação castelhano-portuguesa, na perceção de dinâmicas comuns aos dois impérios ultramarinos, e na circulação, legal e ilegal de pilotos e mareantes (e, mesmo, por trás destes, o papel tantas vezes dissimulado das redes mercantis que se movimentavam com à-vontade nos dois campos). Chamarei a este trabalho nomes conhecidos, mas, ao mesmo tempo, desconhecidos, destacando, neste resumo, o dos espiões mercadores (Haro e Escalante), e o do capitão Simão de Alcazaba (Alcáçova em português), figura central de vários projetos marítimos nas primeiras décadas do século XVI, e tão rico de pormenores que enriquecem a história de Portugal e de Castela no início do período moderno. De tal forma que nos mostram, mercadores e pilotos, como a Península e os seus agentes foram responsáveis pelos primeiros passos de um mundo global, um mundo que teve consciência de si e se transformou para sempre.

Ana Carolina de Carvalho Viotti



- Filiação institucional – CEDAPH - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica - UNESP/Campus Franca,.
- Áreas de trabalho - docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/campus Franca e Investigadora Correspondente do Centro de História (CH) da Universidade de Lisboa.
- Publicações – “Pano, pau, pão. Escravos no Brasil colonial” e “As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)”.

“Depois de Magalhães e Elcano: usos da flora e da fauna registrados em outras duas viagens de circum-navegação do século XVI ”

A primeira viagem de circum-navegação, empreendida entre 20 de setembro de 1519 e 08 de setembro de 1522, abriu novos caminhos marítimos para as Ilhas do Cravo e para toda sorte de contatos com o leste do globo, ampliando, inclusive, as fronteiras do mundo conhecido. Naquela mesma centúria, outros homens, sustentando bandeiras de diferentes reinos e sob diferentes patrocínios ou iniciativas, decidiram lançar-se à mesma empresa de Magalhães, Elcano e os que compuseram sua pioneira expedição, tomando rumos à oeste e à leste. Desses, propomo-nos a olhar mais de perto para os registros legados após as viagens do inglês Francis Drake, o primeiro a completar tal proposta (1577-1580) na condição de capitão, e a do espanhol Martín Ignacio de Loyola, pioneiro em percorrer (1580-1584) a rota pela via oriental, valendo-se também de trechos terrestres, com especial interesse pelas anotações, juízos e utilizações que fizeram, por opção ou necessidade, de elementos da flora e da fauna dos territórios que margearam. A partir, portanto, dos relatos advindos dessas viagens – a primeira, parte do Voyages of the Elizabethan seamen to America, e a segunda, conhecida como Viaje alrededor del mundo –, e sem deixar de observar se a origem e os objetivos dos autores dos relatos marcam diferenças ou aproximações em seus olhares sobre o mundo natural, buscaremos mapear os principais usos desses elementos ao longo do percurso, bem como os traços distintivos (ou não) que esses homens atribuíram às plantas e bichos avistados, consumidos ou rejeitados nos continentes americano, asiático e africano.

Ana Paula Avelar



- Filiação institucional – Universidade Aberta, Lisboa.
- Áreas de trabalho – História Moderna e da Expansão; Estudos Coloniais; Estudos de Cultura.
- Publicações – Figurações da Alteridade na cronística da Expansão. Lisboa: Universidade Aberta, 2003; Visões do Oriente - formas de sentir do Portugal do século XVI. Lisboa: Colibri, 2002; Fernão Lopes de Castanheda, cronista do governador Nuno da Cunha?, Lisboa, Cosmos, 1999.
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“Depois de 1522, ou como um jovem monarca, D. João de seu nome, reconfigura um império”

A 19 de Dezembro de 1521 tiveram lugar em Lisboa as cerimónias de levantamento e aclamação de D. João III. Dois dias mais tarde, nos antípodas, a nau Vitória abandonava Tidore rumando, sob o comando de Sebastião El Cano, em direção a Timor e daí a Espanha pela rota do Cabo. Os anos que se seguiram seriam fortemente marcados pela “questão das Molucas”, que opôs portugueses e espanhóis num novo teatro de operações, mas também por uma clara mudança de paradigma, assistindo-se no Oriente a uma tendência para a territorialização.

Ao longo do reinado d’O Piedoso assistiu-se não só a um alargamento da área ocupada pelo “Estado da Índia” (com a Insulíndia e o extremo oriente a assumirem um papel de fulcral importância, que se traduziria na posse de Maluco, conseguida em 1529 através do Tratado de Saragoça), mas também a uma reconfiguração geoestratégica dos diferentes espaços do império, fruto de uma aposta crescente na vertente ocidental atlântica – o Brasil – e da implementação de uma política de grande pragmatismo relativamente a Marrocos, de que resultou o abandono de boa parte das praças marroquinas durante a década de 1540.

António Costa Canas



- Filiação institucional – Escola Naval/CINAV; Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História da Ciência Náutica; História da Marinha.
- Publicações – Os submarinos em Portugal, Lisboa, Prefácio, 2009; Naufrágios e Longitude, Lisboa, Comissão Cultural de Marinha, 2003.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“A edição do «diário de bordo do piloto genovês», pelo Cardeal Saraiva”

O Cardeal Saraiva dedicou uma parte significativa dos seus estudos de história aos descobrimentos portugueses, podendo ser considerado pioneiro em vários dos assuntos que estudou. Entre os seus escritos podemos encontrar a publicação de algumas fontes relacionadas com a história de Portugal, como é o caso do texto atribuído a um piloto genovês.

Neste breve estudo será revisitado o texto de Saraiva. O texto é profusamente anotado e Saraiva socorreu-se de vasta bibliografia para o seu estudo. Será apresentada essa bibliografia e feita uma análise dos assuntos que o autor considerou relevantes para comentar em nota, sendo algumas dessas notas bastante extensas. De referir que várias décadas depois, a Hakluyt Society dedicou um volume à viagem de Magalhães, no qual apresentou a tradução para inglês das mais relevantes fontes conhecidas sobre a primeira circum-navegação. No caso do texto atribuído ao piloto genovês, foram igualmente traduzidas as notas de Saraiva, sendo nalguns casos complementadas com anotações do editor desta versão inglesa

Antonio Ruiz Castellanos

- Filiação institucional – Univ. Sevilla.
- Áreas de trabalho – Profesor Titular Universidad Cádiz, España.
- Publicações – La Ley de las Doce Tablas. Madrid: Ediciones Clásicas, 1992. Veleyo Patérculo: Historia de Roma. Madrid: Ediciones Clásicas, 2014. Términos tupis y guaraníes sobre las pestes de viruela de los ss. xvii-xviii. En La Expedición de Balmis de la viruela, Madrid: CSIC, 2021.



“Los intérpretes del viaje de Magallanes”

Mi propósito es investigar la comunicación lingüística entre los expedicionarios y de estos para con los habitantes de los países que visitaban. 1.El primer problema que se nos plantea es respecto a la comunicación entre la tripulación. La tripulación la componían 148 españoles y 97 extranjeros. ¿Cómo se entendían dentro de las naves gente de lenguas tan diferentes? Las lenguas de todos los tripulantes eran (excepto las de 6 nórdicos) románicas . A lo largo de tres años debió convertirse la expedición en una academia de lenguas. 2. El contacto con las lenguas tupi-guaraníes. Bahía de Santa Lucia, Río de Janeiro El traductor fue Juan Carvalho. Había formado parte de la expedición de Juan de Lisboa en 1511 a Brasil. Era piloto con Magallanes de la nao Concepción. El Oriente: Enrique de Malacca. Había sido capturado en Sumatra en 1511 y vendido a Magallanes cuando este se hallaba en la expedición de Diogo Lopes de Sequeira y Afonso de Albuquerque. Magallanes lo llevó a Europa. Era de origen y hablante del malayo. Había ya completado la circun-navegación en una secuencia inversa de la ruta magallánica: primero hacia Europa y después hasta Filipinas. 4. Los “moros” (por ser musulmanes) que mercadean en Oriente (Pigafetta, 57). ¿Usaban un árabe parecido al dariya de Marruecos, conocido por los portugueses? 5. Otro esclavo de Magallanes, Jorge Morisco, quien consta en las listas de embarcados, A.G.I., Contratación, 5090, L.4, sirvió de intérprete. Hay un morisco de Granada más antiguo, el que negoció entre Afonso de Alburquerque y el Sultán de Malabar en Calicut.

António Vasconcelos de Saldanha



- Filiação institucional – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – de investigação e áreas de lecionação em Portugal e em Macau têm versado sobre questões político-jurídicas do âmbito da Expansão dos Impérios Português e Espanhol, História Diplomática, História de Macau e História Marítima da Ásia.
- Publicações – Entre a numerosa obra destacam-se As Capitánias. O Regime Senhorial na Expansão Ultramarina Portuguesa (Prémio D. João de Castro da Comissão para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses)
- Membro Efetivo da Classe de História Marítima, da Academia de Marinha.

“Círculos e Linhas Rectas. Origem e razão dos limites lineares do *empeño* das Molucas nas negociações Luso-Espanholas de Saragoça em 1529. Uma revisão ”

Como resultado direto da expedição de Fernão de Magalhães, o Tratado de Saragoça de 1529 é uma fonte inesgotável de estudos da mais diversa natureza que abrangem um vasto tipo de questões - políticas, diplomáticas, comerciais e científicas. Dentre estas últimas, a questão da demarcação e a concomitante questão da linha meridiana referencial dos limites da área do chamado 'empeño' são algumas das mais debatidas. Esta palestra incidirá sobre o aspecto muito menos conhecido da configuração escolhida da linha de limites e as implicações políticas, geográficas e cartográficas da transição negociada do tipo circular originalmente proposto por Espanha para a linha recta do meio-meridiano adoptada no tratado .

Bernard Lavallé

- Filiação institucional – Sorbonne nouvelle (Paris).
- Áreas de trabalho – Especialista de la Hispano-américa colonial.
- Publicações – libros sobre criollismo, esclavitud, historia de la Iglesia, jefes étnicos, historia de la mujer y de la pareja, minería.
- Membro Associado da Classe de HM da Academia de Marinha.



“Ambigüedades y matices de la figura de Magallanes en la Historia de las Indias de Francisco López de Gómara (1552) ”

Bien conocida es la obra central de Francisco López de Gómara, su Historia de las Indias y conquista de México (1552) que abarca desde el Descubrimiento hasta los sucesos del Perú en la segunda mitad de la década de 1540. Por su valiosísima información y sus enfoques, esta obra ha sido muy utilizada y citada. Mucho menos ha llamado la atención el hecho de que Gómara dedique nada menos que diez y siete capítulos a las islas de la Especiería a lo largo del sudeste asiático, su importancia, la actuación y los intereses en ellas de los españoles, sus rivalidades con los portugueses. Para Gómara, en esa parte de su Historia, la figura central es la de Magallanes, que aparece bien como el iniciador, y después el realizador, del descubrimiento de una nueva ruta española de acceso a la Especiería que podría competir con la portuguesa en la otra mitad del mundo. Para Gómara, desde el inicio Magallanes descuella en esta historia aunque no lo exalta. El historiador enumera sus méritos propios y los de su proyecto visionario, pero sin descartar las ayudas e informaciones que recibió. Entre otras cosas, de manera repetida, sutil y matizada, no se le olvida aludir al origen portugués del navegador y al problema de la lealtad que debía a su rey. Asimismo, cuando se refiere a la larguísima navegación hacia el estrecho, Gómara insiste sobre el valor de Magallanes frente a la adversidad, sobre su entereza, pero también su obstinación que parece criminal y sospechosa a sus hombres y su crueldad en el castigo de aquellos que se rebelaron. La figura de Magallanes es pues central y valorada, hasta la llegada a las islas tan deseadas y su muerte, pero por los continuos matices que le impone el autor y sin duda porque no consiguió asentar allí de manera definitiva a la corona española, no llega a la heroicidad (y mitificación) de los grandes fundadores del imperio.

Carmo Lacerda



- Filiação institucional – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- Áreas de trabalho – doutoranda em História e Filosofia das Ciências, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, e membro do projecto «RUTTER: Making the Earth Global: Early Modern Nautical Rutters and the Construction of a Global Concept of the Earth»
- Publicações – publicou a technical note “A Remarkable Collection of Rutters, 16–18th Century: Derroteros Que Hacia El Piloto Mayor Para Que Llevasen Los Jefes De Las Embarcaciones Que Iban a Indias” (2021). <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.14333267.v1>.

“O que é novo no *Tratado del esphera de Francisco Faleiro?*”

*Na cidade de Sevilha, no séc. XVI, assistiu-se a uma grande concentração de saber náutico e cosmográfico, em boa parte devida aos preparativos da expedição de Fernão de Magalhães. Francisco Faleiro, juntamente com o seu irmão Rui Faleiro, foi uma das pessoas que acompanhou Magalhães na preparação da viagem e que acabou por ficar em Sevilha, tendo tido uma longa carreira como cosmógrafo na Casa de la Contratación. Por várias vezes o seu parecer foi consultado para questões técnicas relativas à navegação, mas o seu maior contributo, e a sua única obra impressa, foi o *Tratado del esphera y del arte del marear*, publicado em Sevilha em 1535, por Juan Cromberger. Esta obra de Francisco Faleiro, embora tenha sido muitas vezes referida, raras vezes foi analisada na sua totalidade, e ainda menos compreendida no contexto da história da literatura náutica. Nesta comunicação procurarei mostrar porque é que o *Tratado del esphera de Francisco Faleiro* merece um lugar de destaque na literatura técnica e náutica do séc. XVI.*

Ester Prieto Ustio



- Filiação institucional – Universidad de Sevilla
- Áreas de trabalho – Doctoranda del programa de Historia, especialidad Historia del Arte, Universidad de Sevilla. Es miembro del Grupo de Investigación HUM948: IMAGENAN. La imagen artística de Andalucía. .
- Publicações – Coordinadora de los cuatro libros sobre Coleccionismo, Mecenazgo y Mercado Artístico. SAV

“Piezas asiáticas en la Nueva España en la primera mitad del siglo XVII”

La expedición emprendida por Magallanes y Elcano entre 1519 y 1522, además de completar por primera vez la circunnavegación, permitió descubrir nuevos territorios, productos, especies de flora y fauna, establecer rutas comerciales y también, el encuentro entre culturas. Unos años más adelante, gracias a la expedición de Legazpi y Urdaneta en Filipinas, pudo establecerse el sistema mercantil conocido como Galeón de Manila. A través del mismo, en el que se conectaban Manila y Acapulco, se posibilitó que artículos realizados en diferentes puntos de continente asiático llegaran a la Nueva España y de allí a la Península Ibérica –y viceversa-, así como un gran número de obras de arte realizadas con técnicas y materiales diferentes a los entonces conocidos, arribaron a América y Europa, siendo muy valoradas por las sociedades de ambas orillas del Atlántico. Con esta propuesta queremos llevar a cabo un estudio sobre las piezas asiáticas registradas en los inventarios de bienes de diversos personajes vinculados a la Real Audiencia de México de las primeras décadas del siglo XVII, analizando cuáles eran los elementos artísticos más demandados, sus valoraciones económicas y los lugares a los que estaban destinadas, observando el impacto que causaron en la sociedad y su influencia en el arte que se estaba desarrollando tanto en la Nueva España como en la Península, generando una auténtica globalización cultural.

Fernando Gomes Pedrosa



- Filiação institucional – Academia de Marinha, Lisboa.
- Áreas de trabalho – História Marítima.
- Publicações – O declínio do poder naval português. Os Homens dos Descobrimentos e da Expansão Marítima. Pescadores, Marinheiros e Corsários.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“Os artificios de fogo na guerra marítima do século XVI ”

A armada de Fernão de Magalhães que partiu em 1519 ia muito mal artilhada. Quanto a artificios de fogo, só se documentam 45 alcancias na nau Conceição, à ida, e 4 bombas de fogo na nau Vitória, no regresso. Artificios de fogo era a designação genérica de todos os projéteis explosivos ou incendiários. O mais famoso foi o fogo grego, mas houve vários fogos gregos. O primeiro, atribuído a Alexandre Magno, séc. I a.C., rei da Macedónia, era uma mistura incendiária como tantas outras, cuja composição foi mudando ao longo dos tempos, e dizia-se grego por ser originário da zona da atual Grécia. Outro, usado pelos bizantinos desde o séc. VIII até ao séc. XIII, era líquido, lançado de sifões ou tubos, com grande estrondo e muito fumo, e só poderia ser apagado com areia, vinagre ou urina, porque a água lhe daria mais ímpeto e força. A sua composição química é ainda desconhecida, mas o ingrediente principal era óleo de petróleo (crude) ou outro produto semelhante. Alguns autores acham que o segredo se perdeu durante a quarta cruzada em 1204, mas outros têm opinião diferente, porque sempre houve projéteis incendiários com óleo de petróleo, e também sempre houve fogos alegadamente inextinguíveis e que ardem debaixo de água. Nos navios grandes, a proteção contra o lançamento de artificios de fogo era feita principalmente com a xareta, que era uma rede de cordas ou grade de madeira. Em navios portugueses está documentada desde o início do séc. XVI.

Filipe Themudo Barata



- Filiação institucional – Universidade de Évora,
- Áreas de trabalho – Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Évora, Coordenador Emérito da Cátedra UNESCO em “Património Imaterial e Saber Fazer Tradicional”, investigador integrado do CIDEHUS-EU.
- Publicações – autor de muitos livros, artigos e conferências sobre o Mediterrâneo e a relação dos portugueses com esse espaço.
- Membro Efetivo da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.

“O Mediterrâneo: a persistência de um caminho alternativo para Oriente”

De uma forma natural, a esmagadora maioria da bibliografia, quando aborda a presença portuguesa no Oriente, nomeadamente nas múltiplas relações com a Índia, parte do princípio de que o “caminho” exclusivo é o da rota do Cabo. A questão interessante é o constatar que existem inúmeros relatos de viagens através do Mediterrâneo em direção a Oriente e tentar perceber a razão de ser da escolha desses caminhos alternativos e o que procuravam esses viajantes.

Filipe Vieira de Castro



- Filiação institucional – Texas A&M University, E.U.A.
- Áreas de trabalho – Arqueologia Náutica; Antropologia; História da Construção Atlântica.
- Publicações – The Pepper Wreck. College Station: Texas A&M University Press, 2005; A Nau de Portugal. Lisboa: Prefácio, 2003.
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de Artes, Letras e Ciências

“Metodologias para a reconstrução de restos arqueológicos de navios ”

Os navios oceânicos dos séculos XV e XVI eram máquinas complexas, habitadas e móveis, e a sua reconstrução a partir de restos arqueológicos e muitas vezes difícil e requer um processo iterativo, com tentativas sucessivas. Esta comunicação refere-se a um conjunto de estratégias desenvolvidas para a reconstrução de navios a partir dos seus restos arqueológicos truncados e deformados, utilizando programas de computador acessíveis ao público em geral. Relativamente fáceis de desenvolver e alterar, os modelos virtuais tridimensionais são uma ferramenta extraordinária para a reconstrução de navios antigos, mas também para a divulgação das dúvidas e certezas dos arqueólogos ao público e aos colegas interessados.

Francisco Ferreira da Silva

- Filiação institucional – Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – Doutorando em Estudos de Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



“Estreito de Magalhães ou ‘Cola do dragão’: o conhecimento na viagem de circum-navegação e suas repercussões”

Antonio Pigafetta, cronista da épica viagem, em Relação da Primeira Viagem em Torno do Mundo, afirma, a propósito do estreito que a viabilizou: “se não fosse o capitão-general, não encontraríamos este estreito, porque todos pensávamos e dizíamos que estava cerrado em todo o seu redor”. Acrescenta Pigafetta que Magalhães “sabia ter de fazer a sua navegação por um estreito muito escondido, que tinha visto no cofre do rei de Portugal, numa carta feita por aquele excelentíssimo homem Martinho da Boémia” Fernão de Magalhães pode ter tido acesso a um mapa com a localização do estreito que ligava o oceano Atlântico ao Pacífico, fosse ou não de Martinho da Boémia. Ainda no século XVI, António Galvão, no seu Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos, afirmava que a viagem do infante D. Pedro (filho de D. João I) pela Europa, entre 1425 e 1428, o levou, entre outros destinos, a Roma e Veneza, e “trouxe de là hum Mappamundo q̃ tinha todo ambito da terra, e o Estreito do Magalhães se chamava, Cola do dragão”, assim como “o Cabo de Boa Esperança, fronteira de Africa”, o que, em seu entender, “ajudara o Ifante D. Anrique em seu descobrimento” (Sabemos que, por razões económicas de reserva de informação considerada sensível, a política de sigilo, seguida por Portugal e outros estados, pelo menos nos séculos XV e XVI, levou a que muitas informações fossem reservadas ao rei e a um pequeno círculo de colaboradores, como refere Jaime Cortesão em A Política de Sigilo dos Descobrimentos. O autor sublinha que a utilização de criptografia, espionagem e contra-informação eram práticas comuns naquela época em diversos países europeus (Cortesão, 1960, 15-17).

Gil Clemente Teixeira

- Filiação institucional – Universidade Lisboa.
- Áreas de trabalho – é mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes (2018) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a dissertação intitulada “Entre textos: da epopeia Vincentius Leuita et Martyr de André de Resende a Os Lusíadas de Camões”.



“Ad ambitum parallelum redeamus: a viagem de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano segundo Pietro Martire d’Anghiera ”

O humanista italiano Pietro Martire d’Anghiera (1457-1526) escreveu uma obra em latim intitulada De Orbe Nouo (Do Novo Mundo), a qual foi publicada postumamente na sua forma completa em 1530, em Alcalá, nos prelos de Miguel de Eguía. O sétimo capítulo da sua quinta década é dedicado a um tema que muito cativou o seu tempo: “de orbe ambito”, isto é, “da volta ao mundo”, iniciada por Fernão de Magalhães, a última e simbólica figura do discurso de Tétis ao Gama no canto X d’Os Lusíadas, e concluída por Juan Sebastián Elcano.

No âmbito da bibliografia sobre a viagem de Magalhães, o trabalho realizado por Pietro Martire d’Anghiera é deveras importante, pois recolheu informações junto dos sobreviventes da viagem mal eles chegaram a Sevilha em 1522. A exposição da sua história, tal como nos é apresentada, revela, contudo, alguns aspetos que testemunham problemas de interpretação dos acontecimentos que têm de ser devidamente anotados para nos apercebermos de situações apresentadas de forma defeituosa.

O texto do humanista italiano, que foi o primeiro a ser impresso na Península Ibérica sobre a viagem de Magalhães, tornou-se muito conhecido nos meios cultos europeus da época e desde o século XIX tem sido traduzido nas várias línguas europeias, faltando apenas uma versão para português. É para colmatar uma tão grave lacuna que aqui se apresenta a tradução de tal obra na parte respeitante à épica viagem que completou a primeira volta ao mundo.

Henrique Leitão

- Filiação institucional – Faculdade de Ciências, da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – Diretor do Projeto “RUTTER — Making the Earth Global: Early Modern Rutters and the Construction of a Global Concept of the Earth”.
- Membro Emérito da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.



“A viagem de circunavegação: um sucesso? um fracasso? ou ainda uma outra coisa? ”

A viagem de Magalhães-Elcano não cumpriu praticamente nenhum dos seus objectivos iniciais, foi pontuada por episódios de enorme violência, tornou-se num verdadeiro cemitério de homens válidos - entre os quais o próprio líder da expedição - lançou Portugal e Castela em disputas que durariam décadas, e não resultou, de maneira nenhuma, nos lucros esperados. Mas a viagem de Magalhães-Elcano foi um feito único na história da marinharia, um passo de gigante no conhecimento da geografia do mundo, lançou novos debates científicos, da maior importância, que perdurariam durante décadas, e, ao abrir o Pacífico às esquadras europeias, alterou significativamente o balanço de poderes dos impérios europeus. Foi então de um fracasso ou de um sucesso que se tratou? Mas o que significa falar-se em sucesso ou fracasso num acontecimento histórico como este?

Istvan Rákóczi

- Filiação institucional – Universidade ELTE de Budapeste.
- Áreas de trabalho – Professor catedrático do Departamento de Línguas e Literatura Portuguesas da Universidade ELTE de Budapeste.
- Membro Associado da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.

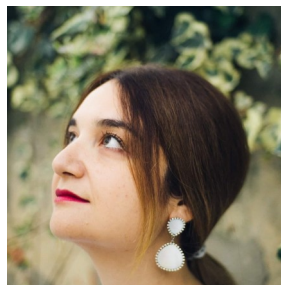


“Agentes em redes ‘emaranhadas’ da primeira globalização”

Acontece que no século XVI já existira um mundo quase “digital” paralelo ao “real”, comparável ao contemporâneo, não menos sofisticado e complexo, que podemos chamar como república literária, que tecia complexas redes de comunicação entre intelectuais europeus através duma - e já habitual - correspondência regular. A presente comunicação pretende apresentar duas delas, a primeira, a de Maximilianus Transilvanus, secretário imperial e o divulgador pan-europeu da notícia (em primeira mão) da primeira circum-navegação do globo por obra de Magalhães-Elcano, e uma segunda rede (em que de segunda mão) chegará a notícia da segunda circum-navegação do globo (a de Drake) para terras centro-europeias. Em ambos os casos, se refere à estreita (cor)relação existente e inseparável entre política/diplomacia, o mundo das ciências naturais e os homens de negócios, mais cooperantes e ativos em termos globais do que hoje suportamos. No caso deste segundo conjunto de trocas, queria lembrar a figura de Charles É'cluse (Clusius) que no campo da botânica, além de tradutor de Garcia de Orta, foi pioneiro da descrição da flora hispânica e da micologia na Panónia transdanubiana, onde no jardim botânico de Boldizsár Batthyány florescia batatas e tulipas, cresciam plantas como a cana de açúcar o tabaco em Güssing, às portas dum hostil Império Otomano. Instala-se aqui um “círculo” deste humanista e aristocrata magiar, tolerante e curioso, onde podiam conviver alquimistas e anabatistas, botânicos e burocratas, católicos e calvinistas, e cuja correspondência será compulsada e comparada com a sua congénere que a precede com mais de meio século na divulgação dum exótico mundo extraeuropeu ibérico descoberto.

Joana Lima

- Filiação institucional – Faculdade de Ciências, da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – membro do Projecto “RUTTER — Making the Earth Global: Early Modern Rutters and the Construction of a Global Concept of the Earth”



“Flutuando entre Cebu e Tidore: a busca de uma rota desconhecida”

Quando Fernão de Magalhães (1480–1521) tomba nas águas cebuanas, inicia-se um novo momento da primeira viagem de circum-navegação do globo terrestre. Um momento de alteração da hierarquia a bordo, que resulta na elevação de Juan Sebastián Elcano (1476-1526) a capitão da nau Victoria, e que se caracteriza pela urgência de encontrar um caminho marítimo para o arquipélago das Molucas. Esta apresentação, decorrente da investigação que desenvolvo para a minha tese de doutoramento e do meu trabalho de tradução e edição da Relação da Primeira Viagem em Torno do Mundo, de Antonio Pigafetta, pretende pensar sobre os modos como a expedição europeia alcançou a ilha de Tidore, não obstante o seu desconhecimento das rotas, do sistema de ventos e da oceanografia deste território do Pacífico. Traça uma breve história do percurso desta expedição a partir de Cebu, na sua incerta travessia do Mar da China Meridional, do Mar de Sulu, do Mar de Celebes, e do Mar das Molucas, até Tidore. Uma história sobre a importância da informação linguística técnica e marítima que habitantes do Sultanato do Brunei ofereceram à tripulação – compilada por Pigafetta sob a forma de um glossário de Malaio, a língua franca da região –, e dos conhecimentos náuticos partilhados pelos pilotos do Sudeste Asiático que foram raptados para guiarem as naus até às Molucas, no sucesso desta rota. Uma história do momento em que o conhecimento local teve uma repercussão à escala global, iniciando uma nova época, em que pela primeira vez foi possível que a Humanidade experimentasse toda a Terra.

João Abel da Fonseca



- Filiação institucional – Academia Portuguesa da História e Academia das Ciências de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa
- Publicações – Dicionário da Expansão Portuguesa, Vol. 2, dir. Francisco Contente Domingues.
- Membro Emérito da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.

“Biodiversidade na viagem de Magalhães e Elcano – a caminho da génese de um mundo global ”

A Relação de Pigafetta, revelando o descobrimento de uma Natureza nova, ao longo da viagem de circum-navegação, permite-nos aperceber um número significativo de espécies de uma flora e de uma fauna acolhidas numa biodiversidade desconhecida dos mareantes. Propomo-nos identificar cada uma delas, o mais exaustivamente possível, no relato do aventureiro vicentino, a par da comparação com informações congéneres constantes de obras de autores portugueses, tais são o caso, por exemplo, para o caso do Brasil, o Diário de navegação de Pero Lopes de Sousa, o Tratado da Terra do Brasil e a História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil, de Pero de Magalhães de Gândavo, a Notícia do Brasil, também conhecido como Tratado Descritivo do Brasil e Descrição verdadeira de todo o Estado pertencente à Coroa de Portugal, da fertilidade dessa província, de todas as aves, animais, peixes, bichos, plantas, que nelas há, e dos costumes dos seus naturais, de Gabriel Soares de Sousa, os Tratados da Terra e Gente do Brasil, de Fernão Cardim, a par da História dos animais e árvores do Maranhão, de Frei Cristóvão de Lisboa. No caso do Oriente, impossível esquecer as obras consagradas de outros autores portugueses, como o Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente, de Duarte Barbosa, a Suma Oriental, de Tomé Pires, os Colóquios dos simples e drogas, de Garcia de Orta, o Tractado de las drogas y medicinas de las Indias orientales, de Cristóvão da Costa, e a Suma de Árvores e Plantas da Índia Intra Ganges, de Manuel Godinho de Erédia, bem como as Virtudes de Algumas Plantas, Folhas, Frutas, Cascas e Raízes de diferentes Arvores, e Arbustos da Ilha de Timor, de Frei Alberto de São Tomás.

José Filipe Moreira Braga

- Filiação institucional – Academia de Marinha.
- Áreas de trabalho – Médico Naval na situação de reforma.
- Membro Correspondente da Classe de Artes, Letras e Ciências da Academia de Marinha.



“O olhar de um médico sobre a expedição Magalhães/Elcano”

São feitos breves comentários sobre os seguintes Temas: Dificuldades (no recrutamento/e dúvidas sobre a estrutura da cadeia hierárquica); Armas; Vestuário; Ânimo; Devoções; Tempos livres e repouso; Insalubridade; Acidentes; Mortes; A Botica e os Cuidados aos Doentes. Pela elevada mortalidade causada, é feita uma referência especial ao Escorbuto.

Procura dar a conhecer esta entidade, mediante a apresentação de uma imagem gráfica com as características dos tecidos humanos, quando são e como adoecem, que permite compreender a fisiopatologia e os sintomas da doença. O Escorbuto nas Navegações Marítimas de longo curso (Sec.XV-XVIII).

A Obra de referência sobre este assunto é o Tratado do Escorbuto, de James Lind (1756). O autor faz a descrição da doença e aborda as suas Causas, o Diagnóstico, o Prognóstico, a Prevenção (descrevendo o que foi o primeiro ensaio clínico sobre o Escorbuto alguma vez realizado) e o Tratamento (advertindo para o agravamento do quadro clínico dos doentes, com os esforços físicos e a deambulação/movimentação).

Comenta-se a importância dada à alimentação no apresto da Frota; os alimentos escolhidos para compensar a falta de fruta e legumes frescos, dada a impossibilidade de os conservar a bordo; o Escorbuto na travessia do Pacífico; a recuperação dos doentes na Ilha de Guam; o fim trágico da Nau Trinidad; a viagem de regresso e o Escorbuto na Nau Victória.

João Manuel Garcia



- Filiação institucional – Gabinete de Estudos Orlisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História da Expansão Portuguesa
- Publicações – Fernão de Magalhães: Lisboa e o início da mundialização; O livro de Francisco Rodrigues: o primeiro atlas do mundo moderno; A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses.
- Membro Emérito da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.

“Ad ambitum parallelum redeamus: a viagem de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano segundo Pietro Martire d’Anghiera ”

O humanista italiano Pietro Martire d’Anghiera (1457-1526) escreveu uma obra em latim intitulada De Orbe Nouo (Do Novo Mundo), a qual foi publicada postumamente na sua forma completa em 1530, em Alcalá, nos prelos de Miguel de Eguía. O sétimo capítulo da sua quinta década é dedicado a um tema que muito cativou o seu tempo: “de orbe ambito”, isto é, “da volta ao mundo”, iniciada por Fernão de Magalhães, a última e simbólica figura do discurso de Tétis ao Gama no canto X d’Os Lusíadas, e concluída por Juan Sebastián Elcano.

No âmbito da bibliografia sobre a viagem de Magalhães, o trabalho realizado por Pietro Martire d’Anghiera é deveras importante, pois recolheu informações junto dos sobreviventes da viagem mal eles chegaram a Sevilha em 1522. A exposição da sua história, tal como nos é apresentada, revela, contudo, alguns aspetos que testemunham problemas de interpretação dos acontecimentos que têm de ser devidamente anotados para nos apercebermos de situações apresentadas de forma defeituosa. O texto do humanista italiano, que foi o primeiro a ser impresso na Península Ibérica sobre a viagem de Magalhães, tornou-se muito conhecido nos meios cultos europeus da época e desde o século XIX tem sido traduzido nas várias línguas europeias, faltando apenas uma versão para português. É para colmatar uma tão grave lacuna que aqui se apresenta a tradução de tal obra na parte respeitante à épica viagem que completou a primeira volta ao mundo.

José Manuel Maia

- Filiação institucional – Marinha Portuguesa/Academia de Marinha.
- Áreas de trabalho – Chefe do Centro de Documentação e Assessor de Edição da Academia de Marinha. docente da Unidade Politécnica Militar do Instituto Universitário Militar (UPM-IUM).
- Membro Correspondente da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.



“Na esteira de Magalhães. Contributos culturais e científicos da viagem de Circum-navegação do Cruzador S. Gabriel (1909-1911)”

A viagem de circum-navegação do cruzador S. Gabriel (1909-1911), sob o comando do Capitão-de-fragata António Aloísio Pinto Basto, realizou-se na sequência da decisão do Ministro da Marinha, que determinou que os cruzadores recém-adquiridos, fizessem viagens circulatorias e visitassem as colónias do Império Português, escalando portos nunca visitados pelos navios da Armada. Deste modo, seriam não só reforçados os contactos do país com as colónias, como também seria destacada a imagem e o pioneirismo da Armada na utilização da TSF, uma das mais modernas tecnologias da época. Assim, o cruzador S. Gabriel largou de Lisboa a 11 de dezembro de 1909 rumo ao Atlântico Sul e regressou a Lisboa em 20 de abril de 1911, após 16 meses e 9 dias de viagem, percorrendo 41.981 milhas e tendo visitado todas as colónias portuguesas. Baseado nos relatos do Comandante Pinto Basto, constantes no seu livro Cruzador S. Gabriel. Viagem de Circum-navegação, são destacados e analisados seis “percursos” de características bem diferenciadas daquela viagem.

José María Blanco Núñez

- Filiação institucional – Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada Española.
- Áreas de trabalho – Circum-navegação Magalhães-Elcano.
- Publicações – MARTÍNEZ RUIZ, Enrique et al. - Desvelando Horizontes. La circunnavegación de Magallanes y Elcano. Madrid: Fundación Museo Naval, 2017-2019, 3 vols.; A Reconquista da Baía - 1625: portugueses e espanhóis na defesa do Brasil. Lisboa: Tribuna da História, 2006.
- Membro Associado da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“D. Fernando Magallanes, el capitán general; Juan Sebastián Elcano, el comandante de la *Victoria*”

Queremos analizar en esta comunicación la diferencia entre los cargos ejercidos por Magallanes y por Elcano, la relevancia de cada uno de ellos, los aciertos o incluso los errores que pudieron cometer durante el ejercicio de sus respectivos mandos, la voluntad de vencer todos los obstáculos que encontraron en su largo caminar, sus relaciones con los subordinados y el trato con su autoridad superior, el rey de España. Todo ello a la luz de la gran documentación existente, de los propios relatos de ambas autoridades y procurando no incidir en lo ya expuesto en las comunicaciones de los dos años anteriores.

José María Moreno Madrid



- Filiação institucional – Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia (CIUHCT)/ Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – Doutorando em História e Filosofia da Ciência na Universidade de Lisboa, bem como integrante do Projecto «RUTTER: Making the Earth Global», financiado pelo European Research Council.
- Publicações – livro «Atravessando a Porta do Pacífico. Roteiros e Relatos da Travessia do Estreito de Magalhães, 1520-1620», escrito em coautoria com Henrique Leitão.

“Os debates científicos das Juntas de Badajoz-Elvas (1524)”

O objetivo último da viagem que partiu de Sevilha em 1519 sob comando de Fernão de Magalhães era calcular a posição longitudinal das ilhas Molucas, esclarecendo se ficavam na esfera de influência castelhana ou portuguesa do mundo—em virtude de um potencial antimeridiano da linha de Tordesilhas. Embora as muito precisas medidas de Andrés de San Martín confirmassem que o arquipélago pertencia à demarcação portuguesa, o problema sobre o estatuto e posse das ilhas, longe de ficar resolvido, intensificou-se substancialmente. Para enfrentar esta situação, ambas as coroas ibéricas concordaram que dois grupos de peritos se encontrariam na ponte sobre o rio Caya, no limite entre as cidades de Badajoz e Elvas. Estas comissões incluíam diplomatas e juristas, mas também especialistas técnicos do âmbito náutico, tais como pilotos, cosmógrafos e marinheiros. A historiografia que estudou este episódio tem frequentemente enfatizado a relevância das questões jurídicas sobre as científicas, o que é surpreendente dada a complexidade dos aspectos técnicos que foram abordados neste encontro. Assim sendo, esta apresentação tentará explorar tais aspectos com maior profundidade, contextualizando-os no período das Juntas e destacando o seu impacto nos debates científicos que abalavam a Europa do século XVI.

José María Moreno Martín

- Filiação institucional – Museo Naval de Madrid.
- Áreas de trabalho – Investigador perteneciente al Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada.
- Publicações – “La transformación de mar en océano en los primeros mapas del Pacífico (1519-1529)”.



“O mundo do cosmógrafo Diego Ribero: da viagem de Magalhães e Elcano ao Tratado de Saragoça”

En esta conferencia abordaremos su figura y su fructífera labor a las órdenes del rey castellano desde 1523 hasta su muerte en 1533, tanto con sus mapas como con sus instrumentos científicos e inventos. Trabajó en la Casa de la Contratación de Sevilla y, tras la navegación por el Pacífico también en la flamante Casa de la Contratación de las especias en La Coruña, desde donde participaría en la organización de la expedición de Jofré García de Loaysa en 1525. Fue en aquellos años también, protagonista en las negociaciones entre portugueses y castellanos, en las que sus conocimientos y sus mapas serían fundamentales en las conversaciones que buscaban establecer el antimeridiano de Tordesillas, factor desestabilizador entre ambas monarquías desde la consecución de la primera vuelta al mundo, que finalizaría con la firma del Tratado de Zaragoza en 1529. Sin ninguna duda, Diego Ribero, merece un capítulo aparte, pues en el tiempo que le tocó vivir se convirtió en uno de los artífices de los mapas que nos enseñaron el crecimiento exponencial que sufrió el mundo conocido desde la primera circunnavegación.

José Ramón Vallespín Gómez

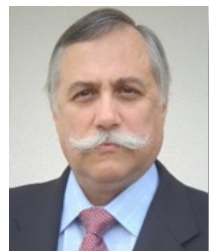
- Filiação institucional – Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada Española.
- Áreas de trabalho – Geopolítica; Geoestratégia; História Marítima.
- Publicações – La seguridad en el espacio geoestratégico de la Península Arábiga.



“El tamaño de la Tierra en la cartografía del tiempo de Magallanes y Elcano ”

Según una concepción, los marinos de la Edad Media asumieron sin discutirla la estimación de la longitud del Ecuador hecha por Posidonio, básicamente errónea, en lugar de preferir la de Eratóstenes, bastante acertada. En la misma línea, se ha llegado a afirmar que los mapas del siglos XV y la primera mitad del XVI tenían una escala en millas romanas que lo demuestra. En este trabajo se revisa esta cuestión desarrollando la tesis de que aquella cartografía no tenía en realidad escala porque no tenía en cuenta la dimensión exacta del Ecuador, y se centraba en cambio en saber dónde colocar los distintos puntos de las costas en latitud y longitud, y que cuando los marinos se referían a grandes distancias en leguas, más bien se referían a ángulos (según la regla de que en un grado había un determinado número de leguas, típicamente 17,5) que a distancias sobre la superficie. Esto sin perjuicio de que en España se tenía una idea aproximada de lo que esa legua medía en pura distancia en superficie, y que según esa apreciación, el tamaño que se consideraba que la Tierra tenía es muy cercano al de Eratóstenes y por tanto bastante distinto del de Ptolomeo. Esto coincidiría con que, hasta lo que sabemos, durante y después del viaje nadie entonces declaró que se hubiera determinado que la Tierra es más grande que lo que se pensaba. Todo lo anterior es de gran importancia para entender por qué Fernando de Magallanes se empeñó, contra lo acordado con el rey Castilla según se desprende de la capitulación de Valladolid, en buscar el hipotético paso por el sur de la Tierra Firme en lugar de seguir el relativamente fácil camino del Océano Índico.

Jorge Semedo de Matos



- Filiação institucional – Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História dos Descobrimentos; História Marítima; História da Náutica.
- Publicações – Roteiros e rotas portuguesas do Oriente, nos séculos XVI e XVII. 2018.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“O nascimento do Oceano Pacífico: uma realidade depois de Magalhães”

A descoberta por Fernão de Magalhães de uma passagem entre o Oceano Atlântico e pacífico, abriu um conjunto de perspectivas para uma navegação que, efectivamente, ligava toda a terra. Mas, sobretudo, criou uma realidade própria para o domínio castelhano, em desenvolvimento na América Central, que viria a unir-se ao espaço de influência portuguesa no Sueste-Asiático. A descoberta da rota de regresso das Filipinas à Nova Espanha cimentou um caminho marítimo, que permitiu a criação da cidade de Manila e duma realidade política que foi a das Filipinas. Levou ainda à realização de outras tantas explorações que procuraram outras terras e domínios no Pacífico Sul, com sucessos e desfechos diversos. Mas sobretudo, a rota aberta por Magalhães, abriu a porta do Oceano, que o próprio Magalhães chamou de Pacífico. Um Oceano que foi centro de um conjunto de atividades portuguesas e Espanholas, com algumas rivalidades e muitas cumplicidades entre si. Desta dinâmica marítima pós-magalhânica darei conta na minha comunicação.

Jürgen Pohle

- Filiação institucional – investigador doutorado contratado, na FCSH da Universidade NOVA de Lisboa
- Áreas de trabalho – desenvolve um projecto intitulado «Ultrapassar fronteiras – alargar horizontes. Linhas de força do comércio luso-alemão no alvorecer da Modernidade».
- Publicações – Autor de vários livros e artigos, sobretudo referentes à história das relações luso-alemãs na Idade Moderna



“Mapas, globos e um panfleto: a preparação da viagem de Fernão de Magalhães e as supostas fontes alemãs”

Nesta comunicação gostaria de abordar algumas fontes cartográficas de origem alemã, que poderiam ter influenciado Fernão de Magalhães como, por exemplo, o misterioso mapa de Martin Behaim, mencionado por Pigafetta, os mapas de Waldseemüller, o globo de Johannes Schöner e a Cópia der Newen Zeytung auss Presillg Landt (Cópia da Nova Gazeta da terra do Brasil), um célebre panfleto ao qual Fernão de Magalhães deve ter tido acesso através de Cristóbal de Haro

Luana Giurgevich



- Filiação institucional – investigadora do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Universidade de Lisboa
- Áreas de trabalho – integra, desde 2020, o grupo de investigação do projecto ERC “RUTTER: Making the Earth Global”.
- Publicações – “*Dall’epistolario di Alberto Fortis. Destinazione Dalmazia*” e em co-autoria com Henrique Leitão o livro “*Clavis bibliothecarum. Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*”.

“Os roteiros oceânicos como arquivos de um saber técnico-científico global (sécs. XV-XVII)”

A progressiva normalização das viagens de longa distância tornou necessário o desenvolvimento de instrumentos e ferramentas capazes de se adaptarem a novas condições de navegação e a mundos nunca antes vistos. No final do século XV, o roteiro oceânico representava uma nova forma de dar sentido ao espaço marítimo e um novo meio de recolha de dados científicos e de disseminação de conhecimentos a uma larga escala. As informações que estes textos continham eram cruciais para os pilotos e para os navegadores, mas também para as atividades de um amplo leque de agentes no mar e em terra. Esta comunicação tem como objectivo examinar a evolução deste género textual, através do estudo das diferentes fases de produção, transmissão, recepção e tradução dos textos, e de destacar o valor dos roteiros oceânicos enquanto “arquivos” de um saber técnico-científico global.

Manuel Parodi

- Filiação institucional – Universidad de Cádiz.
- Áreas de trabalho – Miembro de la Red Internacional de Universidades Magallánicas.
- Publicações – Autor de una treintena de libros, 200 artículos científicos y un millar de artículos divulgativos de Historia y Patrimonio.



“La I Vuelta al Mundo, clave en la génesis de la Modernidad”

La Primera Circunnavegación del Mundo en lo que sin duda tiene de calado histórico global es a todas luces uno de los momentos cruciales en la Historia de la Humanidad, un momento que marcaría un verdadero antes y un después en la Historia, un momento que abriría las puertas de la Modernidad convirtiendo definitivamente al Mundo Antiguo en un momento perteneciente al pasado de nuestra Historia. Si tuviéramos que detenernos brevemente a dar unas pinceladas sobre los acaso principales artífices de la I Circunnavegación, Hernando de Magallanes y Juan Sebastián de Elcano, cabría señalar que el navegante portugués al servicio de Castilla Hernando de Magallanes fue mucho más que un marino: la suya fue una visión privilegiada unida a una voluntad férrea cuyo impulso original -plasmado en el Viaje a la Especiería navegando siempre hacia Occidente desde las aguas del Atlántico gaditano- ayudaría a cambiar el Mundo para siempre merced a las consecuencias de un viaje terminado de manera muy diferente a lo que apuntaran las intenciones primeras del lusitano. Queremos en este somero ensayo acercarnos a algunas de las claves de la I Vuelta al Mundo, de una parte, al tratar sobre las circunstancias del contexto geográfico y cultural en que se gesta dicha hazaña culminada por Elcano y la dotación de la nao Victoria en septiembre de 1522.

Maria Emilia Granduque José



- Filiação institucional – FAPESP e SNSF – SUÍÇA
- Áreas de trabalho – membro do Projeto “O ensino da fé cristã na Península Ibérica (sécs. XIV, XV e XVI), financiado pela FAPESP, e do Projeto “Instrução e conversão no mundo dos exempla ibéricos: pilares da moral cristã”, financiado pela FAPESP e pela SNSF – SUÍÇA.
- Publicações – É autora dos livros A Malinche dos cronistas - Editora Prismas (2016), O Novo Mundo pelo olhar dos cronistas espanhóis - Editora UFPE (2021), Breve compêndio da esfera e da arte de navegar composto por Martín Cortés de Albácar - Editora Cultura Acadêmica (2021).

“A arte de navegar no Breve compêndio de Martín Cortés de Albácar (Espanha – século XVI)”

Na época das grandes navegações europeias, quando as viagens entre a Península Ibérica e seus domínios ultramarinos tornavam-se cada vez mais recorrentes, muitos foram os esforços empreendidos por cartógrafos e cosmógrafos para auxiliar a prática de navegar. Surgem, nesse momento, não apenas mapas, cartas náuticas e instrumentos, novos ou aprimorados, como a bússola, o astrolábio e o quadrante, mas também uma série de textos – nomeadamente guias, regimentos náuticos e tratados – elaborados com o propósito de ensinar o público do mar a melhor se conduzir pelas águas oceânicas. No caso específico dos tratados, o alvo era instruir o leitor sobre as regras e os ordenamentos basilares que deveriam ser aplicados nas viagens de longa distância. Partindo do Breve compendio da esfera y de la arte de navegar, escrito por Martín Cortés de Albácar, um dos principais tratados que circulou nos meios letrados europeus do século XVI, o objetivo desta apresentação é examinar em que medida tratados como esse buscavam não apenas detalhar os princípios necessários para uma navegação mais segura, mas também disciplinar os pilotos a seguirem os fundamentos específicos da arte de navegar.

Mariano Cuesta Domingo



- Filiação institucional – Universidad Complutense de Madrid.
- Áreas de trabalho – Historia de los Descubrimientos y Geografía de América.
- Publicações - *A Casa de Contratación da Coruña*. Xunta de Galicia, 2009; *Un gran viaje. Ocaso de los mapas antiguos y aparición de la nueva cartografía*, 2021; “*Inéditos de Náutica*”, *Com os olhos no céu e os pés na Terra*, 2010.
- Membro Associado da Classe de História Marítima, da Academia de Marinha.

“Una Década de gran cambio, 1519-1529. Entusiasmo versus realismo; Elcano en su laberinto”

El objetivo de este artículo es centrar el tema mediante las coordenadas habituales (tiempo, espacio, hombre) en una década prodigiosa (¡cuál no lo era entonces!), considerando brevemente las raíces en el tiempo precedente pero fijando la atención en el 2º y 3º subepígrafes (con atención a la economía y cartografía, el éxito y el conflicto del tercer ciclo de rivalidad fraterna en la expansión luso-hispana en su expansión ultramarina) los acontecimientos, su reflejo en los cambios y el final de un protagonista destacado.

Marília dos Santos Lopes



- Filiação institucional – Universidade Católica Portuguesa
- Áreas de trabalho – Professora associada com agregação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.
- Publicações – Writing New Worlds. The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe (2016); Identidade em viagem. Para uma história da cultura portuguesa (2015); “From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism” (2012).
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“A expedição de Magalhães e Elcano e a sociedade de consumo no século XVI”

Na presente comunicação procurar-se-á abordar como a primeira circunavegação do orbe terráqueo incrementou a génese de um mundo global, criando novas rotas, novos empreendimentos e também novos consumidores. Se já se tinha iniciado uma complexa e intrincada rede de trocas comerciais com as primeiras viagens marítimas, o certo é que, nos inícios do século XVI, o chamado comércio de longa distância assume uma decisiva primazia na economia coeva. De modo rápido e regular, irão chegar à Europa, e aos outros continentes, produtos e objetos de diferentes origens e materiais. Originárias de todas as partes do mundo, mercadorias, como o cravo e a noz-moscada trazidas pela expedição de Magalhães-Elcano, contribuíram para uma mais alargada e robustecida paleta de produtos e objetos em circulação. Como se pretende demonstrar, a oferta e a procura destes produtos e bens proporcionaram uma transformação cultural, levando a novas práticas de consumo e sociabilidade num mundo cada vez mais global.

Nuno Vila-Santa

- Filiação institucional – Investigador do CHAM e do CIUHCT.
- Áreas de trabalho – Investigação sobre a Ásia Portuguesa na segunda metade do século XVI.
- Publicações – Biografia de Francisco Barreto, governador da Índia e do Monomotapa (1555-1558; 1569-1573) e membro do projeto RUTTER.
- Membro Correspondente da Classe de História Marítima da Academia de Marinha.



“A expedição de Magalhães e Elcano e a sociedade de consumo no século XVI”

Nesta breve comunicação, procuremos perceber em que medida este tipo de processos foi influenciado pelo impacto da circum-navegação de Magalhães. Terá o caso de Magalhães motivado a entrada de mais peritos náuticos lusos no serviço de Espanha? Qual o impacto que a posterior assinatura, em 1529, do Tratado de Saragoça teve neste processo? Quais as motivações para passagem destes agentes e qual o seu contributo para a ciência náutica espanhola no século XVI? Enquadrando estes intercâmbios ibéricos numa cronologia mais alargada anterior (remontando ao século XV) e posterior (até à União Ibérica), demonstrar-se-á a importância desta troca de conhecimentos na expansão marítima espanhola mas também portuguesa (estudando o contrário). Analisando o papel da diplomacia e espionagem dos dois lados, salientar-se-á a importância do contributo dos pilotos como agentes de globalização e construção dos impérios ibéricos. De igual modo, reflectir-se-á sobre o significado do acentuar deste tipo de dinâmicas durante o século XVI. Será esse acentuar uma consequência da primeira globalização aberta pela viagem de Magalhães-Elcano? Eis a principal questão a que procuraremos dar resposta.

Nunziatella Alessandrini



- Filiação institucional – CHAM/UNL-FCSH, Lisboa.
- Áreas de trabalho – História da Expansão Portuguesa; Relações luso-italianas.
- Publicações – Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018. Una chiesa italiana in terra portoghese. Lisboa: Fábrica da Igreja Italiana de Nossa Senhora do Loreto, 2018; Di Buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na idade moderna. Lisboa: Cham, 2012.
- Membro da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“Do Pacífico ao Atlântico: a viagem de regresso do navio Victoria na Relação de Pigafetta”

Dois relatos redigidos por italianos, a Relazione de Antonio Pigafetta e o Relato do Piloto genovês, noticiam eventos da volta ao redor do mundo iniciada com a partida da armada chefiada por Fernão de Magalhães do porto de Sanlúcar de Barrameda a 20 de Setembro de 1519. A partir de 21 de Dezembro de 1521, os dois relatos percorrem caminhos diferentes: é este o dia, um sábado ao meio dia, que o navio Victoria, com sessenta homens a bordo entre os quais Antonio Pigafetta, deixa Tidore regressando ao porto de Sanlúcar de Barrameda a 6 de Setembro de 1522 após uma viagem atribulada e com 18 sobreviventes. Seguimos a viagem de regresso do navio Victória através da Relazione de Antonio Pigafetta, com a consciência de estarmos perante uma construção do ‘mito’ da fantástica viagem à volta do mundo, cuja memória se foi construído nas diferentes versões que até nós chegaram.

Paulo Assunção

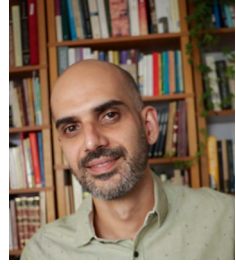


- Filiação institucional – investigador integrado do Centro de Estudos Clássicos (CEC) da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – Dedicou boa parte da sua investigação a questões correlatas à presença jesuítica no império colonial português, à história cultural e econômica, ao turismo e à arquitetura e urbanismo.
- Publicações – É autor de diversos livros e artigos publicados em revistas acadêmicas nacionais e internacionais.

“Um tapete de Flandres: a natureza da terra dos brasis no século XVI”

A comunicação visa a discutir como a natureza das terras brasileiras foi realizada no século XVI e o seu significado para a mentalidade do período. Será dado ênfase aos relatos empreendidos por jesuítas e o seu esforço para integrar as novidades ao saber europeu. As diferenças e similaridades foram compreendidas por meio de exemplos bíblicos, que revelam mecanismos de leitura que oscilam entre referências de superioridade e inferioridade, que caracterizou as primeiras interações culturais. A sobrevivência no hemisfério sul, desde o período medieval, apresentou-se como uma das principais indagações do homem europeu. A falta de informações precisas sobre terras e povos abaixo da linha do equador deu ensejo a conjecturas sobre a vida naquela região. As descobertas marítimas responderam parcialmente aos questionamentos e mostraram aos olhos do Velho Mundo, a possibilidade de conhecer o alter orbis. Paulatinamente os registos foram dando a conhecer um mundo de "novidades", em especial, no que diz respeito à fauna e flora brasileira. .

Rafael Afonso Gonçalves



- Filiação institucional – Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – É professor do Departamento de História da UNICENTRO (Paraná, Brasil) e consultor contratado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
- Publicações – É autor de diversos estudos, entre eles, "Cristãos nas terras do Cã: As viagens dos frades mendicantes nos séculos XIII e XIV".

“Depois de Magalhães e Elcano: usos da flora e da fauna registrados em outras duas viagens de circum-navegação do século XVI ”

*A primeira viagem de circum-navegação, empreendida entre 20 de setembro de 1519 e 08 de setembro de 1522, abriu novos caminhos marítimos para as Ilhas do Cravo e para toda sorte de contatos com o leste do globo, ampliando, inclusive, as fronteiras do mundo conhecido. Naquela mesma centúria, outros homens, sustentando bandeiras de diferentes reinos e sob diferentes patrocínios ou iniciativas, decidiram lançar-se à mesma empresa de Magalhães, Elcano e os que compuseram sua pioneira expedição, tomando rumos à oeste e à leste. Desses, propomo-nos a olhar mais de perto para os registros legados após as viagens do inglês Francis Drake, o primeiro a completar tal proposta (1577-1580) na condição de capitão, e a do espanhol Martín Ignacio de Loyola, pioneiro em percorrer (1580–1584) a rota pela via oriental, valendo-se também de trechos terrestres, com especial interesse pelas anotações, juízos e utilizações que fizeram, por opção ou necessidade, de elementos da flora e da fauna dos territórios que margearam. A partir, portanto, dos relatos advindos dessas viagens – a primeira, parte do *Voyages of the Elizabethan seamen to America*, e a segunda, conhecida como *Viaje alrededor del mundo* –, e sem deixar de observar se a origem e os objetivos dos autores dos relatos marcam diferenças ou aproximações em seus olhares sobre o mundo natural, buscaremos mapear os principais usos desses elementos ao longo do percurso, bem como os traços distintivos (ou não) que esses homens atribuíram às plantas e bichos avistados, consumidos ou rechaçados nos continentes americano, asiático e africano.*

Sónia Aires Lima



- Filiação institucional – Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL)
- Áreas de trabalho – Doutoranda em Literatura e Cultura Inglesa; Estudos Vitorianos; Estudos Ingleses; integra os Projetos *The Street and The City* (estudo da cidade que fomenta o debate interdisciplinar no âmbito dos estudos ingleses) e o Projeto *Memórias Viajantes* - Representações do Mar e da Cidade que, no seu primeiro momento, estuda as materializações votivas (*ex-votos* marítimos) e a importância da preservação da Memória.
- Publicações – Tem artigos publicados, no âmbito dos Estudos de Cultura em revistas e obras da especialidade, nacionais e internacionais.

“*Ex-votos* marítimos – devoção e memória numa análise cultural”

As dificuldades experimentadas ao longo da viagem de Magalhães e Elcano, descritas por António Pigafetta oferecem ao leitor um panorama contextual singular. Desta narrativa de viagem, aparentemente simples, contudo, frequentemente tão tangível, é possível partir para um estudo cultural, no qual identificamos, a par da complexidade das relações humanas, a intrincada relação do Homem com Deus e com o Divino. Na Relazione Del Primo Viaggio Intorno Al Mondo de Pigafetta, a descrição do conforto espiritual providenciado pelo Corpo Santo parece, em certa medida, representativa de inúmeros outros momentos nos quais, a questão da transitoriedade da vida adquire, dada a natureza da condição humana, uma nova dimensão perante a catástrofe iminente. Através deste relato somos, séculos passados, inconscientemente remetidos para a memória direta ou indireta de aflição vivida no mar e, conseqüentemente, como afirma Aleida Assman, ao recordarem os humanos produzem significado e a memória materializa-se. Neste sentido, esta comunicação pretende abordar a relação entre devoção e ex-votos marítimos, de um ponto de vista cultural, partindo inicialmente dos relatos de António Pigafetta para as representações votivas visuais posteriores de salvamento divino no mar.

Susana García Ramírez

- Filiação institucional – Museo Naval de Madrid.
- Áreas de trabalho – investigadora perteneciente al Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada.
- Publicações – “La amistad de Carlos I, Rey de Castilla, con Tuan Maamud, señor de Polán”.



“No sólo fueron Magallanes y Elcano”

Después de tres años de conmemoraciones en torno a la gran expedición de Magallanes y Elcano, los múltiples estudios que se han realizado desde diversos puntos de vista relativos tanto a la inmensa gesta que protagonizaron, como a las consecuencias colosales de esa proeza, han reforzado el peso histórico de los dos protagonistas.

Sin embargo, los hombres que les acompañaron, más de dos centenares, han recibido menos atención, a pesar de haber sido fundamentales para la conclusión de la misión. De hecho, todavía no conocemos su número exacto, aunque sí los nombres, procedencias y empleos de muchos de ellos. Combinando la documentación de archivo con escritos coetáneos de estos otros protagonistas y con estudios recientes, podemos no sólo rescatar del olvido a esos personajes “desconocidos”, sino reconstruir los aspectos de carácter más social y “marinero” que formaron parte consustancial del viaje de Magallanes y Elcano.

Sylvia Brito



- Filiação institucional – Investigadora Contratada do Projeto Resgate Barão do Rio Branco (Fundação Biblioteca Nacional do Brasil/UNESCO) e Pesquisadora Associada do Museu Marítimo do Extremo Oriental das Américas.
- Áreas de trabalho – Foi professora da Rede Pública Estadual da Paraíba e chefe da Divisão de Pesquisa e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP.

“A expedição do Estreito de Magalhães (1581-1584) e a atuação dos Habsburgo no Atlântico sul nas últimas décadas do século XVI”

Ao longo do século XVI, ataques e incursões corsárias a embarcações e instalações espanholas levaram o monarca Felipe II de Espanha a reforçar a segurança dos seus impérios americanos, aprimorando suas defesas na região. A rota marítima, que ligava os oceanos Atlântico e Pacífico, havia sido explorada pela primeira vez, em 1520, pelo português Fernão de Magalhães. Devido à ameaça do corsário inglês Francis Drake na região, no último quartel do século XVI, atormentando os portos chilenos e peruanos, o monarca espanhol decidiu elaborar uma expedição de combate que desestimulasse a repetição da empreitada inglesa. Esta comunicação pretende refletir sobre o papel da Armada do Estreito de Magalhães e sua atuação no continente americano utilizando a documentação clássica e também fontes que ainda não haviam sido exploradas.

Vitor Gaspar Rodrigues



- Filiação institucional – Investigador Auxiliar com Agregação do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Áreas de trabalho – História Militar do Império Português (séc.s XV-XVII); Organização Social e Política do Império Oriental Português (séc.s XVI e XVII).
- Publicações – Vários livros e artigos publicados sobre as suas áreas de estudo.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.

“Depois de 1522, ou como um jovem monarca, D. João de seu nome, reconfigura um império”

A 19 de Dezembro de 1521 tiveram lugar em Lisboa as cerimónias de levantamento e aclamação de D. João III. Dois dias mais tarde, nos antípodas, a nau Vitória abandonava Tidore rumando, sob o comando de Sebastião El Cano, em direção a Timor e daí a Espanha pela rota do Cabo. Os anos que se seguiram seriam fortemente marcados pela “questão das Molucas”, que opôs portugueses e espanhóis num novo teatro de operações, mas também por uma clara mudança de paradigma, assistindo-se no Oriente a uma tendência para a territorialização.

Ao longo do reinado d’O Piedoso assistiu-se não só a um alargamento da área ocupada pelo “Estado da Índia” (com a Insulíndia e o extremo oriente a assumirem um papel de fulcral importância, que se traduziria na posse de Maluco, conseguida em 1529 através do Tratado de Saragoça), mas também a uma reconfiguração geoestratégica dos diferentes espaços do império, fruto de uma aposta crescente na vertente ocidental atlântica – o Brasil – e da implementação de uma política de grande pragmatismo relativamente a Marrocos, de que resultou o abandono de boa parte das praças marroquinas durante a década de 1540.



CH-UL

CENTRO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Aberta
www.uab.pt



NDI ARCTICVS:

OCEANVS SEPTENTRIONA
LIS.

TERRA DELA BRADOR
 Insuper adhibetur in profunde
 etiam in huiusmodi etiam
 no alio modo per
 et in hoc per hunc

OCEANVS OCCIDENTALIS

TERRA BRASILIENSIS

NDI ARCTICVS:

MARE HYPERBOREVM

HYPERBOREI MONTES

GERMANIA

FLANDRIA

POLONIA

HUNGARIA

GRETIA

PONTVS EVXINVS

SARMATIA EVROPE

SARMATIA ASIATICA

COLCHIS

ASIA MINOR

ARMENIA

MESOPOTAMIA

SIRIA

IVDEA

ARABIA DESERTA

ARABIA PETREA

ETHIOPIA SVB EGIPTO

EGYPTVS

GETVLLIA

DESERTA LIBIA

ETHIOPIA

LIBIA INTERIOR

NUMIDIA

SCYTHIA

MAVRITANIA

MARE MEDITERRANEVM

MARE ETHIOPICVM

REGIO ETHIOPICA

NILVS ET NVS

PALVDES NILI

MONTES LVNA

PROMOTORIVM BONAE SPEI

OCEANVS MERIDIONALIS



In hoc mundo sunt duo maria: septentrionale et meridionale. Septentrionale vocatur Oceanus Arcticus, meridionale Oceanus Antarcticus. In hoc mundo sunt etiam duo continentes: Europa et Africa. Europa vocatur terra septentrionalis, Africa terra meridionalis. In hoc mundo sunt etiam duo insulae: Asia et America. Asia vocatur terra orientalis, America terra occidentalis. In hoc mundo sunt etiam duo montes: Alpes et Andes. Alpes vocatur mons septentrionalis, Andes mons meridionalis. In hoc mundo sunt etiam duo flumina: Nilus et Amazonis. Nilus vocatur flumen septentrionalis, Amazonis flumen meridionalis. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Mediterraneum et Indicum. Mediterraneum vocatur mare septentrionale, Indicum mare meridionale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Arcticum et Antarcticum. Arcticum vocatur mare septentrionale, Antarcticum mare meridionale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Atlanticum et Pacificum. Atlanticum vocatur mare occidentale, Pacificum mare orientale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Indianum et Sineense. Indianum vocatur mare meridionale, Sineense mare orientale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Arabicum et Persicum. Arabicum vocatur mare meridionale, Persicum mare orientale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Sinense et Japonicum. Sinense vocatur mare orientale, Japonicum mare orientale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Indico-Persicum et Sino-Japonicum. Indico-Persicum vocatur mare meridionale, Sino-Japonicum mare orientale. In hoc mundo sunt etiam duo maria: Indico-Persicum et Sino-Japonicum. Indico-Persicum vocatur mare meridionale, Sino-Japonicum mare orientale.